

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphis Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIENCIA  
LITTERATUR E ARTES

ID 13. 14.

O Nosso santissimo Padre Leão XIII por escripto datado do Vaticano em 2 d' julho de 1886, dignou-se conceder a Benção Apostolica ao director, redatores e leitores do «Progresso Catholico».

## SUMARIO DO N.º 2

**Q**UARTA Encyclica do N. SS. Padre Leão XIII aos Bispos de Portugal (Conclusão)—Secção Religiosa: A maçonaria... judaica' II. por A. Moreira Bello; A educação da mulher, II por C. D. Grillo.—Secção scientifica, IV, pelo Padre M. J. G. P.—Secção critica: As Salyras do Sr. Guerra Junqueiro, por J. C. de Faria e Castro; Ainda os missionarios em Barcellos, por um leitor do Primeiro de Janeiro; — Secção litteraria Na serra, por Mallos Ferreira.—Secção Illustrada: I, Miguel Angelo II A alegrias do lar, por R.—Secção neocologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Aos que podem.



MIGUEL ANGELO

# CARTA ENCYCLICA

DO

## NOSSO SANTISSIMO PADRE

### LEÃO XIII

(Conclusão)

**P**or outro lado, aquelles que exercem a auctoridade ecclesiastica, em tudo o que houverem de fazer no desempenho do seu ministerio, hajam-se de feição que aquelles que governam o estado entendam, que podem e devem confiar n'elles, e não julguem ter motivo talvez para manter leis, que á Igreja importam que não sejam mantidas. Quasi sempre a contenda entre partidos políticos dá logar a suspeitar e desconfiar: Vós assás o sabeis pela experiencia. O primeiro e o maior dever dos catholicos, e nomeadamente dos clérigos, é certamente nem de facto nem por opiniões aceitar nunca ou confessar alguma cousa, que discorde com o acatamento e fidelidade á Igreja, ou que não possa subsistir com a conservação dos seus direitos. Ainda que porém é licito a qualquer, honesta e legitimamente, defender o seu parecer em materias meramente politicas, com tanto que não repugne com a religião o com a justiça, comtudo sabeis Veneraveis Irmãos, o erro funesto d'aquelles, se alguns ha, que não fazem bastante distincção entre as cousas santas e civis, e arrastam o nome da religião para servir de apoio aos partidos politicos.

Portanto, usando de prudencia e moderação, não sómente não se dará occasião nenhuma a suspeitas, mas tambem subsistirá com maior firmeza a concordia dos catholicos que tão ardentemente desejamos. A qual se anteriormente foi mais difficil de obter, causa d'isto foi que não poucos, afferrados á sua opinião talvez mais do que era conveniente, entenderam que não deviam nunca por nenhuma razão affastar-se um só ponto d'aquillo em que interessavam os seus partidos. Empenhos taes, porém, ainda que não podem ser reprovados emquanto dentro de certos limites, impedem todavia muito o conseguimento d'aquella suprema e desejadissima união.

Portanto, a Vós, Veneraveis Irmãos, o cargo de applicar para alli todo o esforço da vossa industria e diligencia, para que afastando com prudencia quaesquer astorvos que parçam oppôr-se, concilieis esta salutar concordia. O que mais commodamente succederá, como desejamos, se em materia de tanta monta, não cada um de per si, mas trabalhando em commum, levardes mãos á obra. Por con-

seguinte, pareço primeiramente opportuno que haja communicação e sociedade do conselho entre Vós, para que o systema de acção seja igual. Que conselhos pois deverão ser preferidos, e o que será mais conducente ao intento proposto, sem difficuldade o julgareis, se Vos propuzdes como norma aquillo que sobre estes negocios foi já declarado e prescripto pela Sé Apostolica, especialmente a Nossa Carta Encyclica sobre a organização christã da sociedade.

Quanto ao mais, não trataremos uma por uma de todas as cousas que precisam remedio, principalmente por serem as que Vós melhor conheceis, Veneraveis Irmãos, a quem mais de perto, e acima dos outros, aperta mais o rigor dos trabalhos. Nem egualmente faremos a enumeração d'aquillo que reclama a acção do poder civil na occasião opportuna, para se prover ao que é da Igreja, pelo modo que fôr de justiça. Pois que como não possam duvidar do Nosso paternal sentimento, nem do vosso acatamento ás leis civis, é justo confiar, que aquelles que governam o estado hão-de ter na merecida conta a propensão da Nossa e da vossa vontade, e procurar que a Igreja, atribulada por muitas causas, seja restituida ao grau de liberdade e de dignidade que lhe é devido. E Nós, quanto á parte que Nos cabe, havemos d'estar sempre dispostissimos a fazer e estabelecer de commum accordo nas portenças ecclesiasticas aquillo que parecer supremamente opportuno, e a aceitar de bom grado as condições honestas e justas.

Além d'estas algumas outras cousas ha, e essas não de pouca importancia, as quaes nomeadamente deveis remediar com a Vossa destreza, Veneraveis Irmãos. D'esta especie é em primeiro lugar a pouquidade de sacerdotes que vem principalmente de terem faltado em muitas partes, e por um não curto espaço de annos, os proprios seminarios destinados á educação dos alumnos ecclesiasticos. Por esta causa muitas vezes apenas e com difficuldade se proveu assim á doutrinação religiosa do povo como á administração dos sacramentos. Agora porém, já que, mercê da Divina providencia, ha em cada uma das dioceses, seminarios proprios de clérigos, e onde não foram ainda estabelecidos o serão brevemente, segundo esperamos o desejamos, meio facil ha já de preencher o pessoal ecclesiastico se a formação dos alumnos estiver estabelecida pelo modo conveniente. N'esta parte confiamos plenamente, na Vossa prudencia e sabedoria por Nós conhecida. Mas todavia, para que não Vos falte o Nosso conselho n'esta materia, tomai como

dito a Vós mesmos aquillo que ha pouco em especie semelhante escrevemos extensamente aos Veneraveis Irmãos os Bispos de Hungria:

«Na oducação dos clérigos duas cousas são inteiramente necessarias, a instrução para o cultivo da intelligencia, e a virtude para o aperfeiçoamento do espirito. A's bellas letras, em que se costuma instruir a idade da adolescencia, hão-de juntar-se as sciencias theologica e canonica, preavendo que o ensino d'estas materias seja são, sempre puro, plenamente conforme com as doutrinas da Igreja, e sobre tudo n'estos tempos sempre vantajado em vigor e abundancia, para que possa exhortar... e convencer aquelles que contradizem. A santidade de vida, tirada a qual a sciencia incha e não edifica, comprehendendo não sómente os bons e honestos costumes, mas tambem esse cõro de virtudes sacerdotaes em que assenta essa semilhança com Jesus Christo, Summo e eterno Sacerdote, que faz os bons sacerdotes... Sobre estes (seminarios) velem muito e muitos os vossos cuidados e pensamentos: fazei quo ao ensino das letras e das sciencias sejam postos varões escolhidos, nos quaes ande ao par a sã doutrina com a innocencia de costumes, para que em uma materia tão relovante possam com razão superlativa confiar n'elles. Para regentes do ensino o mestres da piedade escolhei os que em prudencia, conselho e experiencia forem entre os outros recommendaveis; e o systema de vida commum seja por auctoridade vossa temperado, para que os alumnos não sómente não encontrem nunca nada que seja contrario á piedade, mas tenham abundancia de todos os subsidios que alimentam a piedade, e se excitem por meio de praticas e exercicios convenientes a adiantar-se todos os dias nas virtudes sacerdotaes»

Depois d'isto muito grande o especial devo ser a vossa vigilancia sobre os presbyteros, afin de quo quanto mais minguado é o numero dos obreiros, tanto mais activos se tornem no cultivo da vinha do Senhor. Aquelle dito do Evangelho, a ceava é verdadeiramente grande, parece na verdade que pôde applicar-se a Vós, porque os portuguezes costumaram sempre ter grande amor aos ensinamentos religiosos, e os recebem com anciedade e bom rosto, se nos sacerdotes, seus mestres, reconhecem que ha os adornos das virtudes, e os abonos do saber. E' portanto pasmoso quanto ha-de vir a ser proveitosa a acção do Clero no ensino do seu povo, e principalmente dos mancebos, sendo digna e desveladamente empregada. Mas averiguado

está, que para gerar nos homens o alimentar o amor á virtude, valem acima de tudo os exemplos; e por isso todos aquelles que têm a seu cargo officios sacerdotaes façam não sómente por não ser advertida n'elles cousa nenhuma desconveniente dos deveres e do caracter de sua ordem, mas por sobressair na santidade de costumes e de vida, *como luzeiro sobre o candelabro, para que alumie a todos os que estão na casa.*

A terceira especie finalmente em que é preciso que empregueis assiduamente os vossos cuidados, é a d'aquellas cousas que costumam vir á luz impressas todos os dias, ou em tempos, prefixos, Veneraveis Irmãos: por um lado os homens são arrebatados por um desejo insaciavel de lér; por outro uma grande alluvião de escriptos depravados espalha-se desafortadamente: apenas se pôde dizer quão grandes offensas, e quão grandes estragos ameaçam todos os dias por causa d'isto a honestidade dos costumes, e a inteireza da Igreja. Logo pois, exhortando e admoestando por todos os meios e por todos os modos que tiverdes á mão perseverai, como fazeis, em retrahir os homens d'estas fontes corrompidas, e conduzi-os ás aguns salutareis. Muito proveitoso será que por deligencia vossa e sob a vossa direcção se publiquem folhas diarias, que fortalecidas com o patrocínio da verdade, da virtude e da religião remedeiem opportunamente os venenos malignos vindos d'onde quer que seja. E pelo que pertence áquelles que movidos de honestissimo e santissimo proposito juntam com a arte d'escraver o amor e zelo da causa catholica, se queirem que os seus trabalhos sejam verdadeiramente fructuosos, e sempre e em qualquer parte louvaveis, lembrem-se constantemente o que se requer d'aquelles que pelem as batalhas da melhor de todas as causas. E' preciso nem mais nem menos que no que escrevem usem com todo o cuidado de moderação, prudencia, e principalmente d'essa caridade que é mãe ou companhia das outras virtudes. Ora bem sabeis quanto é opposta á caridade fraternal a leviandade em suspeitar, e a temeridade em accusar. Por onde fica entendido, que procederão viciosa e injustamente aquelles que so-guem um partido politico, se não duvidarem lançar sobre os outros o crime de fé catholica suspeita, só pela razão de serem de outra parcialidade como se a honra da profissão catholica estivera necessariamente junta a estes ou áquelles bandos politicos.

Isto que até aqui ou advertimos ou mandámos é encomendado á vossa auctoridade, que de certo deve ser acatada, e á qual é necessario que os-

tejam sujeitos todos aquelles a quem presidis, e principalmente os sacerdotes, que em toda a sua vida tanto privada como publica, quer estejam em ministerios da sagrada ordem, quer exorçam o magisterio em Lyceus, nunca deixam d'estar sob o poder dos Bispos; e que assim como em tudo o que é decore da virtude, assim na obediencia e respeito que é preciso tributar á auctoridade episcopal, devem chamar todos os outros tambem com o seu exemplo.

Para que tudo pois aconteça como desejamos e prosperamente, suppliquemos o [celestial] soccorro; e primeiro que tudo recorramos áquella fonte da divina graça, o Coração Santissimo de Jesus Christo nosso Salvador, cuja religião soberana e antiga floresce entre Vós. Imploremos o patrocínio de Maria Immaculada Mãe de Deus, de cuja especial protecção se ufana o reino de Portugal, e tambem da vossa, entre as mulheres rainhas, Santissima Izabel, e dos Santos Martyros que logo desde os primeiros tempos da Igreja com o derramamento do seu sangue, ou estabeleceram ou augmentaram o Christianismo em Portugal.

No entretanto em testemunho da Nossa benevolencia e penhor dos dons celestiaes a Vós ao Vosso Clero e a todo o Vosso povo damos amorosamente no Senhor a Benção Apostolica.


Dada em Roma junto do S. Pedro no dia 14 de setembro de 1886. do Nosso Pontificado Anno Nono.

LEÃO PAPA XIII.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A maçonaria... judaica

(Continuado de pag. 251 do 8.º Vol.)

 auctor da «France Juive», M. Eduard Drumont, em prova do seu asserto acerca da manifesta origem judaica da maçonaria, offerece preciosos esclarecimentos, que temos por conveniente tornar conhecidos de nossos leitores, n'aquillo que mais os interesse.

«Abri não importa que ritual, diz elle, e tudo vos falla da Judæa. *Kadosh*, o grau mais elevado, quer dizer *santo* em hebraico. O candelabro de sete braços, a arca d'alliança, a meza de madeira de acacia, nada falta a essa reconstituição figurativa do Templo. O anno maçonico é quasi regulado pelo anno judaico; o almanach israelita traz 5446º anno da criação, e o alma-

nach maçonico 5884º anno. Os mezes maçonicos são os mezes judaicos: *adar, niadar, nissan, ivar, sivan, tammour, ab, eloul, tischni, heschvan, kislev, tabelh, schebat...*

«A famosa phrase que trocam entre si os iniciados: «a acacia é-me conhecida», relaciona-se egualmente com as mais remotas tradições judaicas. A acacia, responde um franc-maçõ a uma pergunta feita pelo *Intermediario*, é o ramo d'ouro da iniciação moderna; e por isso e por via d'isso que se é maçõ, quando se penetrou o segredo d'elle. Segundo a Escriptura Sagrada, esta arvore muitas vezes designada com o nome de *shittah* no plural *shittim*) era considerada sagrada entre os hebreus; por ordem de Moysés, o tabernaculo, a arca d'alliança e todos os utensilios religiosos foram compostos d'essa madeira, e o propheta Isaias recommendava, por sua vez, aos israelitas, ao voltarem do captiveiro, que tivessem cuidado de plantar no deserto cedros e acacias, cuja utilidade e gozo lhes deviam ser incontestaveis.

«Examinae, se quizerdes, as gravuras d'um antigo ritual dos altos graus (1), e reconhecereis todos os symbolos da antiga lei. Alli vereis Moysés e Elias sahindo d'uma nuvem de fogo, ao passo que n'uma bandeirola se lê: *Dá a liberdade aos captivos*. As palavras de passe são *Judas e Benjamim*. Não se trata senão de Adonai, da fonte de Siloé, de Zarobabel, que vem tambem pedir que se dê a liberdade aos captivos, e que se lhes permita o irem reedificar o templo do seu Deus.

Estudae o ceremonial das admissões, e vos julgareis em Jerusalem.

«P. Irmão mui respeitavel, primeiro Vigilante, sois grande architecto?

«R. Poderoso Mestre, eu vi a grande luz da terceira estancia.

«P. Onde fostes recebido grande architecto?

«R. No alto logar e na camara do meio.

«P. Porque lhe chamaes assim?

«R. Porque era o sitio onde Salomão trabalhava no plano do templo com o superintendente das obras.

«P. Em que vos occupaes no grau de grande architecto?

«R. Em construir o ultimo edificio ou terceiro corpo que constitue o fecho da fabrica, em erigir Tabernaculos, em guarnecer os de adornos preciosos e consagrados.

(1) Os mais secretos altos graus da Maçonaria desvendados ou o verdadeiro Rosa-Cruz, em Jerusalem.

«P. Que adornos são esses?

«R. A Arca d'alliança, sustentada por dois cherubins que a cobrem com as azas, a Meza de bronze, a dos Holocaustos, a dos Pães, e o Candelabro de sete braços.

«P. Que encerra a Arca d'alliança?

«R. O Stekonna, que se fixou per si mesmo entre os cherubins que a cobrem com as azas no Santo dos Santos, no dia da Dedicção, onde proferia os seus oráculos.

«P. Qual foi a principal lei dada pelo Stekonna?

«R. A que foi dada no Monte Sinai guardada depois na Arca, que é a primeira lei escripta.

«P. Dae-me o signal d'essa lei.

«R. Dá-se levando ambas as mãos á cabeça, com os dedos abertos, o que indica o symbolo dos dez mandamentos.

«P. Em que fórma se representa o Stekonna?

«R. Sob a fórma d'um cordeiro tranquillo, deitado, descansando sobre o Livro dos Sete Sellos.

«P. De que madeira era construida a Arca?

«R. De Sethin, madeira incorruptivel, semeada de folhas d'ouro.

«Na maçonaria de adopção divisaes igualmente a influencia judaica. A maçonaria de adopção, como se sabe, é a maçonaria das mulheres. As recepções são verdadeiras festas da Boa Deusa; n'ellas se cantam ás vezes canticos ou canções que fariam córar um macaco...

«Ahi é Judith que representa o papel principal.

«A recipiendaria, com a cabeça coberta d'um panno preto pulvilhado de cinza; chega á porta do Templo. E' detida por um guarda que avisa o segundo vigilante. Este dirige-se a ella e lhe diz:

«P. Que quereis?

«R. Quero fallar ao Gran-Sacerdote e aos principaes do povo.

«P. Quem sois?

«R. Judith.

«P. De que nação?

«R. Mulher judia, da tribu de Simeão.

«Introduz-a ao meio das duas columnas. Os irmãos e irmãs ficam assentados, tendo a mão direita sobre o coração, a esquerda sobre a testa, e a cabeça baixa para simular a dolorosa consternação que sentiam em Bethulia antes da sahida de Judith.

«O gran-sacerdote diz á recipiendaria:

«P. Que pedis?

«R. Que me mandeis abrir as portas da cidade durante esta noite,

e que todo o povo ore por mim durante cinco dias. Então vos trarei novas certas de Bethulia. Rogo-vos que não entregueis a cidade antes d'este tempo.

«O Gran-Sacerdote: Ide em paz, e o Senhor seja comvosco.

«Ella sae e torna a entrar na sala de preparação. Larga o panno preto, lava-se e veste os seus adornos. Empunha na mão direita uma espada, na esquerda uma caveira pintada, que haviam sido allí postas em quanto ella estava na loja.

«(E' então que se deve mudar a tapeçaria verde em vermelha).

«Voltando á loja, grita á porta: *Victoria, victoria!* O guarda avisa o segundo vigilante que o diz ao primeiro; e este informa o gran-sacerdote de que gritaram duas vezes: *Victoria!* á porta da loja.

—«O gran-sacerdote: Deixae ver quem gritou assim.

«R. E' Judith.

«O gran-sacerdote: mandae-a entrar; meus irmãos e minhas irmãs, ponhamo-nos em pé.

«Judith é introduzida.

«Louvado seja o Grande Architecto do universo, que não abandonou os que esperam n'elle, que cumprio pela sua serva a misericordia que prometeu á nação d'Israel, e que matou esta noite, pela minha mão, o inimigo do seu povo (mostra a caveira) (1).

«A dolorosa imagem de Jerusalem vencida apparece pois no primeiro plano na obra maçonica. E' a *viuva* cujos filhos dispersos se reconhecem no fim do mundo gritando: *A mim os filhos da viuva!*

Interrompamos aqui, por hoje, a nossa transcripção.

Vae-se vendo que a maçonaria, a que se teem attribuido tantas origens, talvez tenha a verdadeira nas tramas constantes dos eternos inimigos do christianismo. O judeu é persistente, tenaz, paciente, e ha de confessar-se que, com os seus longos trabalhos de sapa, tem adiantado muito caminho.

A. Moreira Bello.



## A educação da mulher

### II



«**Q**UOMO esposa, instruida e bem educada, ella faz a felicidade do lar domestico, porque sabe fal-

(1) *Manual completo da Maçonaria d'Adopção*, por S. M. Ragon.

lar e callar se quando é tempo; porque sabe desculpar os arrebatamentos e impaciencias do esposo, sobretudo quando amargurado pelas contrariedades da vida; porque sabe corrigir muitas vezes os seus defeitos quando lhe falla com brandura e em circumstancias propicias; porque pôde comprehender os seus mais intimos pensamentos, e conviver intellectualmente com elle.

Mas, para que a influencia da mulher casada sobre o marido seja proficua, é necessario que essa influencia seja guiada pela instrucção, pela religião e pela moral.

Como mãe é o anjo tutelar da familia, e depende d'ella a felicidade das gerações futuras.

A semente lançada no cerebro das creanças por entre os afagos maternos, fructificará em regra até á beira da sepultura.

Poderão modificar-se as creanças da infancia, poderão os individuos, já adultos, deixar-se levar por todos os ventos de doutrina, poderão deixar-se arrebatado pelo tufão das paixões: tarde ou cedo esses individuos, já desenganados das illusões do mundo, se lembrarão das creanças e da educação que lhes insuflaram suas mães; e na maioria dos casos a educação da infancia é quasi uma segunda indole que deixa no caracter dos individuos, vestigios permanentes e indeleveis.

O ensino materno é a base sobre que se apoia o edificio da instrucção e da educação, sendo a educação dos filhos uma das mais importantes missões que a mulher tem a desempenhar no mundo.

E poderá educar bem quem não foi bem educado?

Poderá instruir quem não é instruido?

Poderão as trevas gerar a luz?

A educação das creanças deve começar logo desde o berço; a sua instrucção mesma deve começar, ainda antes de a creança dar entrada na escola, por meio do ensino materno; o alimento do espirito deve ser ministrado logo a par do alimento do corpo.

E poderá cumprir esta missão a mãe que não tem a instrucção e educação condignas?

Mas que instrucção e educação se deve dar á mulher?

Voltemos aos tres pontos de vista sob que encarámos a sua educação.

Deve dar-se-lhe educação physica, intellectual e moral.

Boa governante, boa esposa e boa mãe, tal é o destino que Deus e a natureza lhe assignam, taes são os interesses que a familia e a sociedade teem a esperar d'ella; e isto em todas as classes da sociedade, desde a nobreza até ao proletariado.

Para que ella possa desempenhar bem estes deveres é necessario que seja convenientemente educada.

Comecemos pela educação physica, porque as mulheres tambem necessitam como os homens do forças corporaes.

Logo desde o berço se deve evitar que as creanças do sexo femenino (assim como as do masculino) contraiam molestias, premunindo-as contra os excessos de frio ou de calor, não as deixando rojar-se pelo chão humido e frio, não consentindo que passem repentinamente do frio para o calor e vice-versa, não lhes vestindo roupas muito quentes, nem fatos fortes de verão, etc. premunindo-as tambem contra a gula, e evitando que comam ou bebam certas cousas que podem prejudicar a saude, como são as comidas que levam adubos fortes e as que são preparadas com muito asucar, as bebidas espirituosas, etc.

Deve-se-lhes dar de comer de fórma que os intervallos das refeições não sejam muito longos para não sobrecarregar o estomago.

Deve-se-lhes fazer contrahir habitos d'actividade, porque o exercicio desenvolve as forças; e em ajudar as mães no tracto caseiro teem as meninas occasião de desenvolver as suas forças, aprendendo conjunctamente os deveres d'uma boa governante.

Toda a mulher, não obstante uma causa muito grave, deve crear e alimentar seus filhos, não os confiando a mães mercenarias: e, para que possa dar á luz, e crear, filhos são e robustos, é necessario desenvolver-lhe as forças physicas.

Porque tem nma constituição mais fraca que a do homem, e está sujeita a maior irritabilidade nervosa, é necessario que se guarde de resfriamentos e inflamações; que evite tudo o que tenda a enfraquecer ou sobreexcitar o sistema nervoso; que regule sua sensibilidade pela razão, e sobretudo pela religião, sendo simples e são o seu alimento, e fortificante sem excesso.

O acao é uma das condições da saude; e por isso se devem costumar cedo a elle as meninas, mesmo para que contraiam o habito de serem aciaadas.

E' muito conveniente que na escola se lhes ensine a hygiene e mesmo a gymnastica, para as tornar sádias e robustas.

Tratemos agora da educação intellectual e moral.

Não pretendo advogar a conveniencia da erudição nas mulheres, porque o seu destino não é envolver-se nas luctas politicas, occupar os cargos do estado, resolver transcendentales problemas scientificos, enriquecer a litteratura com obras primorosas em prosa e verso, apesar de não condemnar, antes louvar, as que

se sentem com forças para entrar e progredir no campo da litteratura: o que desejo é que a instrucção seja n'ellas vulgar.

A primeira cousa em que as mulheres devem ser instruidas é na religião.

«A religião, diz um pedagogista, Braun, supprime tudo e nada a pôde supprir.

Com uma boa instrucção christã, com o conhecimento racional dos seus deveres para com Deus, para com sua familia, para com a sociedade, uma menina estará sempre á altura da sua missão. Que ella seja piedosa, casta, submissa, humilde, dedicada, corajosa, laboriosa, modesta, boa governante, e será o modelo das esposas e das mães.

Assim praticada, assim entendida, a religião é a salvaguarda das mulheres em todas as condições da sua existencia.

Depois da religião vem a cultura do espirito, que deve ser subordinada á classe que se occupa na sociedade, aos recursos da familia e ao futuro da mulher.

Em todas as classes, porém, deve-se ensinar ás meninas pelo menos a ler, escrever e contar, a fallar e escrever correctamente a lingua materna, principios elementares de hygiene e de economia domestica, os deveres das mães de familia e as prendas proprias do seu sexo, principalmente tomar medidas, tirar moldes, talhar, coser, bordar, etc.

A educação moral propriamente dita consiste em inclinar a vontade e o coração das jovens para a virtude e para o bem, fazendo-as cumprir os deveres religiosos (dando-lhes seus paes o exemplo), fazendo-lhes ler passagens da historia sagrada e profana, e mesmo apologos, parabolos e contos moraes, ensinando-lhes theorica e praticamente a respeitar a todos, moços e velhos, ricos e pobres, a fazer bem, a não desprezar ninguem por mais humilde e desgraçado que seja, a ter compaixão dos infelizes, e a imitar o Pae Celeste que, segundo disse Jesus Christo, faz nascer o sol e cair a chuva sobre todos sem distincção.

Grande é a influencia da mulher, convenientemente educada, no desenvolvimento e progresso da instrucção e educação popular.

A mãe bem educada é o primeiro mestre de seus filhos, que os pôde ensinar a pronunciar as palavras correctamente, a conhecer as letras do alphabeto, a ler syllabas e palavras por meio de cartilhas maternas, a fazer letras na ardosia e a contar, e inculcar-lhes habitos de disciplina e obediencia, para que, quando vão para a escola, se não enfastiem, progridam no estudo, estejam socegadas e sejam humildes e obedientes a seus professores.

E' a mãe a primeira educadora dos meninos, que lhes ensina os principios da religião e da moral, e lhes incute no animo o desejo de fazer bem e de fugir do mal.

Elle pôde iniciar o ensino de todas as disciplinas que se professam na escola primaria elementar, e preparar assim o terreno onde se hão-de colher abundantes messes, que produzam o bem estar da sociedade.

C. D. Grillo.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### 0 Suicidio

(Continuado de pag. 282 do v. 8.º)

#### IV

**T**ERTULIANO cita este exemplo a Scapula, governador de Carthago, para o dissuadir de perseguir os christão com supplicios (1). Sabe-se que Diocleciano allegava o mesmo motivo para não recommençar a perseguição, no anno 303; (2). Libanius (3) ensina-nos que esta foi ainda a razão que impediu este principe de publicar editos sanguinarios contra os christãos. Teremos de corar porque a sua intrepida coragem d'elles desarraimou emfim os tyrannos?

2.º Sustentamos ainda que sancta Pelagia e os que a imitaram não foram suicidas, e que os Padres tiveram razão para as elogiar. Não se trata de saber se uma brutal violencia soffrida contra vontade faz ou não perecer a castidade, mas de saber se, n'esta provação terrivel, não ha perigo nenhum de consentir no peccado e de succumbir á fraqueza da natureza. Quem é a pessoa virtuosa que ousaria responder por si em semelhante caso? Ora, preferir a morte a uma tentação violenta e a um perigo eminente de offender a Deus, não é um crime, mas um acto de amor para com Deus levado ao mais alto grau. E' assim que S. Paulo concebeu a castidade perfeita (4).

Não receiamos desafiar Barbeyrac o os seus copistas a que provem o contrario.

Não carecemos, pois, para justificar sancta Pelagia e suas imitadoras, de suppor n'estas martyres ou um excesso de temor que lhes tirou a reflexão, ou uma esperança mal fundada de escaparem á morte precipitando-se, ou

(1) *L. ad Scapul.*

(2) *Lactant. de Mort. persec.*, § 11.

(3) *Na Oração funebre do imperador Juliano*, n.º 58.

(4) *Rom.*, C. 8. v. 35.

uma inspiração de Deus que as levou a procederem assim; os Padres sabiam sem duvida que Deus não inspira acções criminosas; não suppozeram esta inspiração senão porque estavam persuadidos que o motivo d'estes sanctos martyres era não sómente innocente, mas louvavel e heroico, e nós pensamos como elles.

Não é pois verdade que os Padres fossem seduzidos por uma estima excessiva e cega da castidade, como Barbeyrac pretende; elle é que está cego com o preconceito dos protestantes que fingem deprimir esta virtude, admirada pelos proprios pagãos nas mulheres e virgens christãs.

Os protestantes põem no numero dos seus pretendidos martyres e louvam excessivamente os furiosos cujo fanatismo era mais caracterizado que o que elles attribuem aos martyres do christianismo. S. Justino (1) responde aos pagãos que perguntavam: *Porque não vos mataes todos, para nos desembaraçar de vós?* Deus manda-nos conservar para o honrarmos, servirmos e fazermos conhecer a todos que o «não conhecem.»

3.º Nós respondemos aos deistas que os martyres de que fallamos não correram para a morte, mas que foram obrigados a entregar-se a ella pelo impio furor dos tyrannos: que alem d'isso não é um vicio toda a especie de enthusiasmo; é uma virtude, quando leva á pratica de acções louvaveis e heroicas, e o presumido enthusiasmo dos martyres que converteu os pagãos (2).

Seria inutil refutar circunstanciadamente os sophismas em que os apolo-gistas do *suicidio* fundamentam a sua doutrina; todos partem on da hypothese absurda do atheismo e da fatalidade, on d'este falso principio de que a vida nos foi dada só para nós, de que não devemos nada aos nossos semelhantes, e de que não estamos obrigados a dar conta das nossas acções a ninguem.

Bergier.

Ouçamos agora o que diz ao *suicidio* o celebre impio J. J. Rousseau, de triste memoria.

«Infeliz, tu queres deixar de viver mas eu quizera saber se já começaste. Pois que! foste tu collocado sobre a terra para não fazeres nada? O ceu não te impõe com a vida uma empreitada para cumprires? E se a acabares antes da noite podes descansar o resto do dia; mas vejamos a tua obra. Que resposta terás tu prompta para dar ao Juiz Supremo que te hade pedir contas do

teu tempo? Desgraçado! vae me buscar esse justo que se orgulha de ter vivido assaz; quero aprender d'elle como é que heide passar a vida para estar no direito de a tirar a mim mesmo.

«Contas os males da humanidade, e dizes: A vida é um mal. Mas olha: procura o vê se na ordem das cousas achas quaesquer bens que não estejam misturados com males. Caso é, pois, para dizeses que não ha bem nenhum no universo, e podes tu confundir o que é mal por sua natureza com o que sofre o mal apenas por accidente? A vida passiva do homem não é nada, e respeita simplesmente a um corpo de que em breve se desprenderá: mas a sua vida activa e moral que deve influir em todo o seu ser consiste no exercicio da sua vontade. A vida é um mal para o mau que prospera, e um bem para o homem honrado desventurado: porque não é uma modificação passageira, mas a sua relação com o seu objecto, que a torna boa ou má.

«Tu enfiadas-te de viver, e dizes: A vida é um mal. Cedo ou tarde serás consolado, e dirás: A vida é um bem. Então fallarás mais verdade, sem racionares melhor, porque nada terá mudado senão tu. Muda, pois, desde hoje, e visto que é na má disposição de tua alma que está todo o mal, corrige as tuas affeições desregradas, e não queimes a tua casa por não teres o trabalho de a arranjar.

«Que são dez, vinte, trinta annos, para um ser immortal? A dor e o prazer passam como a sombra; a vida apaga-se como o relampago; não é nada de per si, o seu valor depende do seu emprego. Só o bem que fizemos, permanece, e em virtude d'esse bem é que a vida vale alguma coisa. Não tornes, pois, a dizer que o viver é para ti um mal, pois que só de ti depende ser um bem, e se o viver é um mal, é isso mais uma razão para ainda viveres. Não tornes a dizer que te é licito morrer, porque tanto valeria dizeses que te é licito não ser homem, que te é licito revoltares-te contra o auctor do teu ser e enganares o teu destino.

«O *suicidio* é uma morte furtiva e vergonhosa. E' um roubo feito á humanidade. Antes de a deixares, restitue-lhe o que lhe debes.—Mas eu não sirvo para nada. Eu sou um ente inutil no mundo.—Philosopho d'um dia! ignoras que poderás dar um passo na terra sem que encontres algum dever para cumprir, e que todo o homem é util á humanidade, ainda que não seja senão pelo simples factó de existir?

«Joven insensato! se te resta no fundo do coração o menor sentimento de virtude, vem, eu quero ensinar-te a amar a vida. De cada vez que te vires tentado a sair d'ella, dize contigo: Na-

da, antes de morrer, ainda praticarei uma acção boa. Dize isto contigo, e depois vai procurar qualquer indigente, para o soccorres, qualquer desventurado, para o consolares, qualquer opprimido, para o defenderes. Se esta consideração te detiver hoje, deter-te-ha amanhã, depois de amanhã, toda a vida. Se, porém, não te contiver, morre, és um perverso.»

P.º M. J. G. P.—V.

## SECÇÃO CRITICA

### As satyras do sr. Guerra Junqueiro (1)

(ESBOCETO CRITICO)

Vous posez en savant

I

Tomando para melhor enganar a grande seducção do gosto portuguez o prestigio do *Palavrão* e da *Phrase*, que refinou agora mais, o satyrico escreve um livro com 211 paginas, «collecção de 50 poesias, que são, no seu proprio dizer com garbo irrisorio em nota no fim do livro, 50 *ballas* que, partindo de diversos pontos vão todas bater no mesmo alvo.»

Dicterio. Despejo. Ousadia na incredulidade.

Quaes são os direitos que tem o auctor satyrico para conter quando mesmo o vicio, chasquear e dar regras ao mundo?...

Eu não tenho a considerar aqui o que os legisladores teem pensado a este respeito, nem as medidas que elles tomaram contra quaesquer desregramento dos escriptores de satyras no interesse da sociedade, ou para condescender já com um despota temeroso, já com certos privilegiados ciosos da sua dignidade collectiva. Ha muito tempo que o comico Nevio pagou com a sua liberdade o prazer de haver assetteado epigrammas contra os Mettelos, e que Cassio Severo expiava no exilio o crime de ter difamado a pessoa sagrada de Augusto.

E' claro que o poeta exerce sob a sua responsabilidade a sua veia sarcastica. Mas o moralista pôde collocar-se sob um outro ponto de vista que o legislador; o moralista é mais complacente e mais liberal. Elle, todavia, não permite que o satyrico consagre o seu talento em satisfação do seu odio pessoal; que a vingança, o interesse, ou qualquer

(1) Apol. II. n. 4.

(2) Veja a palavra Martyres. Dicc. theol. de Bergier.

(1) Só agora é que tive occasião de ler a *Velhice do Padre Eterno* pelo sr. Junqueiro, bem como o *Ensaio de Critica* ao livro pelo sr. Cyrillo Machado.



AS ALEGRIAS DO LAR

outra paixão baixa e abjecta, lhe metta a penna na mão; que a sua Muza, apathica de melindres e de decoro, viole sem escrupulo o que, em todos os homens merece e exige o respeito, — isto é, os direitos da liberdade e da dignidade humanas; que o seu procedimento, emfim, dê logar a voltar contra elle as suas proprias ballas...

Porém o moralista respeita no satyrico, como em todos os escriptores, os direitos de pensamento, e de inspiração. O moralista considera que o genio, o caracter e a intenção do auctor, a escolha do assumpto, mesmo o rigor na censura dos defeitos e dos vicios, sejam e possam ser a melhor justificação da satyra.

Cumpra, portanto, reconhecer que a satyra tem quasi sempre os mais deploraveis desvios; e se a sua utilidade não é contestavel, as suas demasias auctorisam muitas vezes o moralista austero a tomar-lhe estreitas contas.

Posto isto, proseguiremos des-  
assombriadamente e despretenciosamente.

As satyras do snr. Junqueiro são todas escriptas com palavras retorcidas pela malignidade o doesto, e zombaria.

Feitura á Victor Hugo, cujo character de poeta banal, mas gigante no seculo das luzes... tem reflectido em cheio no satyrico de Vianna do Castello, tudo é, nas suppostas 50 ballas, artificial, a essencia como a forma, anti-christã como immoral, tudo é vasio, bizarro, sem espirito, sem criterio, sem verdade... «O sr. Guerra Junqueiro» — diz o sr. Cyrillo Machado — «quiz fazer poesia philosophica e não fez nem poesia nem philosophia. Nem sentimento, nem idéa. Nem forma, nem concepção. Sem subordinar os seus pensamentos a uma idéa superior, que lhes dêsse unidade e lhes determinasse um fim, o snr. Guerra Junqueiro limitou-se a repetir, em maus alexandrinos os logares communs da rhetorica jacobina, ultima praga que Deus, na sua misericordia infinita, quiz poupar ao Egypto.»

Mas senhores, este poeta que tambem reconhecemos «tem as qualidades necessarias para ser um lyrico distincto e um satyrico notavel», este sectario fogoso da escola anti-christã, revela, na sua phrase de lupanar, uma ambição estupenda: destruir o divino na humanidade; banir o sobrenatural para a região das chimeras; e para melhor

conseguir o seu fim, fez pontaria para o proprio coração do Christianismo, investindo directamente com Jesus Christo, personalidade viva do sobrenatural e do divino; e, particularmente, com o catholicismo, essencialmente a religião do progresso; com o Papa, o vigario de Christo na terra; e com os seus ministros, emfim: tal é a pretensão do sr. Guerra Junqueiro, exactamente a do racionalismo moderno, que se denominou, para melhor seduzir os illitteratos, — a *sciencia nova!*

Eil-a a mensageira do progresso: Que dizes de ti mesmo?

Eil-a respondendo imperturbavelmente: «Eu sou a mais alta expressão da razão humana; a razão mesma applicada a tudo, e dando a todas as coisas com uma observação imparcial determinações com inteira justiça.»

Como ella se não pôde definir, e se não define, em compensação pôde-se gabar e gaba-se: é a maneira como ella se define.

Ella pinta-se por suas proprias mãos, ella é habil no admirar-se, como uma belleza que se contempla na sua propria imagem. Ella enfeita-se e ostenta-se, ella desdenha e despreza. Oçamol-a: «Eu julgo como soberana os homens e os Deuses; eu por mim, não reconheço nem o respeito, nem o prestigio, nem o mysterio. Eu sou a unica auctoridade sem reproche; eu sou o homem espirital de S. Paulo, que julga tudo e que não é julgado por ninguem: eu sou mais do que atheologia, mais do que a philosophia, mais do que tudo. Sim, a propria philosophia que aspira a governar o mundo, deve como todas as coisas curvar-se ante mim. Eu regeito as pretensões do philosopho aspirando a dar regras a todas as sciencias. E as pretensões da philosophia não são mais motivadas do que as da theologia.» Vejam como ella vac inchando ás mil maravilhas!...

«A idade media quiz fazer da primeira um lacaio da segunda; os philosophos d'hoje querem fazer da segunda um lacaio da primeira. Estas duas suppostas realidades são egualmente illegitimas. A Rainha, sou eu. *Ast ego Regina!*...»

Chegada, á força de exaltação propria, a estas alturas vertiginosas, a *Sciencia nova* sente-se tomada pelo mais colossal desprezo pela humanidade inteira. Olhamos e tornamos a olhar para o ar, e não conseguimos medir a immensidade d'onde ella deixa cair os seus desa-

mores por tudo o que não é ella e não vos surprenderá ouvil-a dizer, com uma candura altiva que parece mesmo um prodigio:

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,  
E' um Deus que para nós há muito que está morto.

E que inda imaginaes no entretanto immortal,  
Vivei e adormoei n'essa creença illusoria.  
Já não podeis transpôr os mil annos da historia  
Que vão do vosso credo absurdo no nosso ideal.

Mas o poeta Junqueiro diz que o não julguem o maior dos atheus, porque não é. E este purificador acrescenta:

O' crentes como vós, no intimo do peito  
Abrigo a mesma creença e guardo o mesmo ideal.

Ah é demais; sim, é demais a insolencia no paradoxo; é demais a audacia na impiedade. Para longe!

E ainda por essas satyras além, diz mais: «A minha escola está n'uma posição excepcional, e de nada precisa senão da sua propria bazófia. Eu desprezo o ignorante, e se é *padre ainda muito mais*: desprezo a multidão, porque a *humanidade é vulgar e o olhar humano é estreito*; e eu deleito-me no gosto austero que ha pelas almas fortes em arrotar com a ignorancia e provocar contra si o odio dos estupidos. Por que em que eu faço sobre tudo profissão é em desprezar a *mediocridade*; só a mediocridade exclue do reino dos ceus, — isto é, da *participação ao ideal*. Os meus discipulos legitimos são os *unicos verdadeiros eleitos*: são os verdadeiros filhos de Deus; elles alcançam Comigo e por mim *aquella região superior e celeste, onde a alma seguramente assente na sua idéa da belleza moral., está collocada pela sua nobreza na feliz impossibilidade de obrar mal*; e eu e os meus, estamos ainda á espera que nos apanhem em *flagrante delicto de fraqueza*.»

Eis aqui como falla a escola anti-christã, á qual pertence o poeta Junqueiro. A *Sciencia nova* é isto e mais alguma cousa que veremos já. O livro é todo isso... sem a sua palavrada!...

(Continua)

J. C. de Faria e Castro.

Ainda os missionarios em Barcellos

(Continuado da pag. 247 do VIII volume)

**T**ODO o pasquim é admiravel, estupendo!  
O pasquineiro, depois de traçar as notaveis rabiscas que os bons



leitores observaram nos artigos precedentes, adormeceu e sonhou.

Sonhou elle que do bico da sua pena sahira estylo a flux, mas estylo muito superior ao de Alexandre Herculano. Quando acordou, a lembradura do estylo enchia-lhe a cabeça e suggeriu-lhe a palavra — «estylete». E que faz o homem? Acolhe tal palavra, crava-a no asqueroso pasquim, e julga que, dando «um banho de vingança» ao stylete, esmaga os missionarios!

Isto é bonito, não é, bons leitores? Pois é assim que o pasquineiro continúa a sua obra.

Diz elle:

«Embebamos o stylete n'um banho de vingança, e esmaguemos os infames!»

Então, caros leitores, não merecem palmos atacaadas o «infame» rabiscador? Dêem-lh'as, dêem-lh'as.... bem digno é d'ellas.

O homem lembrou-se de boa!.... Eu já aqui receitei ao «infame» pasquineiro banhos de chuva por ver que lhe eram muito precisos, e elle agora..... zás, dá um «banho de vingança» ao «stylete» porque, sem tal «banho» o «infame» escrevinhador não pôde mostrar a sua rica fraternidade—não pôde esmagar os missionarios!

Grande é a impudencia do «infame» pasquineiro! Mostra bem ser discipulo do impio Voltaire. Este, referindo-se a Jesus Christo, escreveu muitas vezes a seguinte blasphemia:—«Ecrasons l'infâme»—esmaguemos o infame, esmaguemos Jesus!!

O rabiscador barcellense, imitando o seu digno mestre, tambem diz—«esmaguemos os infames».—esmaguemos os bons missionarios que diffundem a palavra de Jesus!!

O que é certo, porém, é—que os missionarios ficaram tão esmagados, que ROBUSTAMENTE continuam a semear a palavra divina.

E sabem os bons leitores para que o «infame» pasquineiro escreveu um ponto de admiração depois da palavra —«infames»? Escreveu-o para que todos admirassem a muita petulancia e infamia d'elle escrevinhador. Não o fez por outro motivo, acho eu. Admirem, pois, o desditoso homem, e vamos ao mais.

Continúa o pasquineiro:

«As suas proezas, n'este concelho, augmentam de dia a dia, em numero e em gravidade».

Eu tambem digo:

As «proezas» do rabiscador, isto é, os seus disparates, no pasquim, «augmentam», de linha a linha, «em numero e em gravidade».

Ora isto, sim; isto é o que elle pasquineiro faz abertamente.

E querem os leitores observar como

os disparates «augmentam», e são cada vez mais graves?

Attendam:

«Accendamos o facho luzente da justiça, ergamos a bandeira preta da vingança, e esmaguemos, confundamos os assalariados bandidos dos coios jesuiticos, de todas as cores e feitios».

Ahi têm os leitores as novas e gravissimas sandices do «assalariado bandido» dos «coios» republicos. (1)

Oh! que malsisuda cabeça a do pobre rabiscador!

Quando elle toma com a dextra o «luzente» estandarte «da Justiça», «ergue tambem com a esquerda «a bandeira preta da Vingança»! E porque faz isto? Porque os homens que «erguem a bandeira preta da Vingança», não podem deixar de ser «patriotas honrados»!!!

Hurrah! pelo patriotismo e honradez do pasquineiro!

Disse eu n'um dos artigos anteriores:—Até se me afigura que o pasquineiro é o que leva, todo têzo e inchado, a bandeira liberal (feita de retalhos de chita de todas as cores) nos apparatus prestitos do liberalismo. (2)

Agora digo:—O escrevinhador é o que leva, nas procissões liberalissimas, todo cheio de ufania, «a bandeira PRETA DA VINGANÇA», symbolo augmentado da muita fraternidade, das luzes e do progresso do seculo XIX!!

Hurrah! pela nobre, elegante e admiravel bandeira!

E o «assalariado bandido» não se contenta com meias medidas; gosta só de medidas inteiras. Quer «esmagar» e «confundir» os jesuitas «de todas as cores e feitios»!... Irra!!.....

Uma petição aos catholicos barcellenses. O rabiscador não pôde durar muito em vista do modo porque puxa pela cabeça. E então, aos meus amigos barcellenses que sobreviverem, peço que não deixem enterrar o cadaver do homem sem se lhe fazer uma delongada autopsia. Ha de valer a pena.

Sim: se o marquez de Pombal, como diz o snr. Camillo Castello Branco (3), tinha um coração tão pequeno como «palmo e meio», se elle tinha embutidas no coração «cincoenta e tres pedras do tamanho de grãos de bico», o coração do escrevinhador barcellense deve

(1) Todo o pasquim grita pela pena de talião Vamos, pois, talionando o pobre homem.

(2) Veja a pagina 211.

(3) «Perfil do Marquez de Pombal», pag. 215. Faça aqui uma advertencia.

O snr. Camillo Castello Branco diz na pagina 215 que o marquez de Pombal tinha «cincoenta e tres pedras.... no coração». Na pagina 293 diz que os «calhãos» eram «trinta e cinco»! Ha, pois, a pequena differença de dezoito pedras!! Necessariamente os dezoito calhãos que faltam na pagina 293, passaram-se com armas e bagagens para o coração do snr. Castello Branco.

ser ainda maior e ter muito mais «pe dregulho».

Não se esqueçam, pois, do meu pe-dido, para que a viscera do pasquineiro figura na historia, como figura a de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Quanto ao pasquineiro querer confundir e novamente esmagar os missionarios com um bocicado de papel pejado de necedades, isso é grande furor e mania. São aqui bem applicadas ao escrevinhador as palavras de Virgilio.—*Quae te dementia cepit! Quae, loucura se apossou de ti!*

Vamos adiante.

Continuando a expectorar a sua bilis, diz o homem:

«Guerra de morte aos roupetas».

A's armas! «liberaes de todas as cores.» A's armas! Afiai «o gume das rosas espadas» para a «guerra de morte» aos missionarios.

«Deu signal a trombeta Castelhana «Horrendo fero, ingente e temeroso».

A's armas, pois.

Mas..... cautellinha com a «guerra».

Não se diga que

«Aqui a tera batalha se encrucece

«Com mortes, gritos, sangue e cutilladas:

«A multidão da gente que parece,

«Tem as flores da propria cor mudadas.

«Já as costas dão e as vidas; já fallece

«O furor e sobejam as lançadas».

.....

.....

Não se diga isto. Cautellinha.....

«Guerra de morte aos roupetas»!!!....

Ah! Já sei. E' porque a «guerra de morte» é amiga inseparavel da «fraternidade universal». Uma não pôde viver sem a outra. São amigas intimas. Ha entre ellas tanta amisade, como entre o cão e o gato.

O rabiscador, porém, em outra parte da pasquinada, diz abertamente que estamos «em pleno seculo de fraternidade universal»!!

Vejam agora os bons leitores se podem conciliar a tal «guerra de morte» com a «fraternidade universal».

Oh! Os leitores riem-se? Pois a coisa é séria. O pasquineiro afirma ainda que vivemos «em pleno seculo de progresso»! Por conseguinte... mais uma risada, e mais um hurrah mortifera e bellicosa fraternidade!

«Continua o pasquineiro:

«Eis as novas proezas»:

Termino a advertencia perguntando ao snr. C. C. Branco:—Onde está a verdade no seu livro? E' na pagina 215 ou 293?

Ahi vai a resposta do snr. Camillo:—Eu escrevi a minha obra (o «Perfil do Marquez de Pombal») com uma GRANDE SERENIDADE E PACHORRA», e «A VERDADE É ASSIM QUE SE ESCREVE». (.)

Os meus parabens, snr. visconde.

(\*) São palavras que se lêem no proemio do mesmo livro!!.....

Eu digo—«eis as novas» sandices e mentiras. E' quasi a mesma coisa.

Até aqui *botou* EXORDIO o *pasquineiro*. Agora segue-se a INFORMAÇÃO. Diz elle:

### •ROUBO DE MULHERES•

•Em Martim, freguezia d'esto concelho, vivia Anna Pinheiro, filha de Luciana Pinheiro, viuva, do lugar do Carvalho, da freguezia proxima de Encourados, tambem d'este concelho.

•Pois esta infeliz mulher, fanatisada e seduzida por uns infames missionarios, partiu para Braga, em carro fechado, acompanhada d'uma beata, emmissaria e agente dos roupetas, e *abandonou uma innocente filhinha*, deixando-a sem o seu-agazalho maternal, em companhia da avó, Luciana Pinheiro, em Encourados. A pobre criança a todos os momentos pergunta, chorando, pela mãe; e ella não a ouve:—fugiu para um asylo de Braga, dizem. *levada pelos missionarios*, e em breve vae para Lisboa!!

•Mas ainda ha mais.

•Felicidade Augusta, do lugar do Assento, freguezia de Encourados, d'este concelho, mulher casada, chegou tambem, seduzida pelos roupetas e arrasada pelos seus agentes, a fugir de casa, *deixando igualmente uma innocente filhinha!!*

•N'esta, porem, ainda os infames sotainas não haviam obsecado completamente o espirito e o sentimento; e por isto, estando para entrar tambem para um carro fechado que a esperava, na estrada, ouviu a filhinha chorar em altos gritos, e ainda o sentimento de mãe, lhe deu forças para recuar. *Abandonou-os*, porque ainda sentia ser mãe.

Ahi fica a INFORMAÇÃO. Mas que? Falta a CONFIRMAÇÃO, que contem «as entranhas e a vida do discurso». Faltam as provas.

E como havia o *pasquineiro* de provar o que acabou de dizer, se tudo é mentira?

Os leitores verão bem destruidas todas as mentiras do *pasquineiro*, que ahi ficam, pelo protesto dos ill.<sup>mos</sup> snrs. proprietarios de Encourados, o qual será aqui brevemente publicado. O «Progresso Catholico» hade atirar com todo o chumbo ao *pasquineiro*, e sem haver «guerra de morte».

A PERORAÇÃO do famoso discurso do rabiscador sairá no proximo numero, se Deus não ordenar o contrario.

Motivos mui ponderosos me obrigaram a depor a penna durante dois meses. Eis o motivo porque já foram publicados alguns numeros d'esta Revista sem a collaboração do leitor do «Primeiro de Janeiro». O *pasquineiro* perdoe-me esta falta sim?

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

## SECÇÃO LITTERARIA

### Na serra

Oh florestas, oh soutos perfumados,  
cathedraes solennes de verdura!  
Oh grutas mysteriosas de frescura,  
rusticas pontes, lagos sombreados!

Nas horas inspiradas do infinito,  
o divino pincel te aquarelou!  
Em ti palpita a mão, que te formou,  
oh serra coroada de granito!

Inundam-te as saudosas paisagens  
dos persicos tapetes de veludo.  
Lembra quanto-se sente em ti, em tudo,  
as grandezas do tropico, selvagens.

Ondeam-te oceanos de esmeralda,  
nas guthicas, arcadas do arvoredo;  
teem murmurios calados de um segredo,  
as matas que percorrem tua falda.

Das praias, quando vem soprando o vento,  
em caricias titanicas de amor,  
vibra as cordas a harpa do Senhor,  
no tom longiuo e augusto de um lamento.

Em festões ou em redes peregrinas,  
pende a herafdos arcos naturaes;  
cobre a rocha, nos bravos matagaes;  
pela: junctas alastra das ruinas.

Sente-se aqui, a enorme formosura  
das columnas em templos derruizados!  
Sobem plantas, nos troncos carcomidos,  
em esplendido abraço de verdura!

Prende-se em laços de verdôr o pé,  
entrando os teus reces: os mysterioses;  
e o coração em estos religiosos,  
vibra as azas, ao osculo da fé!


Oh florestas, oh soutos perfumados,  
cathedraes solennes de frescura!  
Oh grutas mysteriosas de verdura,  
rusticas pontes, lagos sombreados!...

Matos Ferreira

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### I

### Miguel Angelo

 VIAJANTE que se dirige a Roma, ao avistar, de longe, a cúpula magestosa de S. Pedro, relembra-se de Miguel Angelo, e, depois, penetrando no Vaticano, n'esse soberbo museu de preciosidades artisticas, de Miguel Angelo se recorda, ao parar estactico, diante da pintura magifica que, na capella Sixtina, representa o juizo final, e d'elle se lembra ainda, vendo a estatua colossal de Moisés.

Foi, pois, Miguel Angelo, architecto, pintor, e escultor, e em tudo artista sublime.

Nasceu em Arezzo a 6 de março de 1475, e morreu em Roma, a 17 de fevereiro de 1564.

Mencionar as datas de seu nascimento e de sua morte, e apontar as tres obras que mais distincto o tornaram entre os mais distinctos artistas, está feita a biographia do immortal architecto, que elevou até ás nuvens uma cidade de pedra.

No 6.º volume do «Progresso Catholico», 1.º numero, encontram os nossos leitores uma gravura magifica de S. Pedro em Roma, e a descripção da grande cupula.

O retrato que hoje damos, mostra admiravelmente que Miguel Angelo fora um homem extraordinario, um genio privilegiado.

### II

### As alegrias do lar domestico

Não as ha mais puras, mais santas, mais formosamente enfloradas.

Se todos os homens aprendessem a gosar essas alegrias, os cafês, as casas de jogo, as tabernas, seriam desertas, não teriam razão de ser.

A nossa segunda gravura dá-nos uma ideia clara do que são essas alegrias:


A mãe, junta do berço do filhinho, e com este deitado no regaço distrae-se mostrando ao pequenino uma maçã que elle forceja por tomar entre as mãos, e o pae, apoiado no espaldar da cadeira onde se senta a esposa querida, vê todas as suas alegrias no innocente forcejar da creancinha.

Formoso quadro, não é leitores?

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



 CORREIO da Madeira trouxe-nos a noticia de haver fallecido o Revd.<sup>mo</sup> dr. Custodio de Moraes e Brito, conego da Sé do Funchal, de quem tiveramos ha um anno ainda a visita.

Foi provisor do Bispado e por vezes o governára na ausencia do Prelado. Foi sempre amigo do «Progresso Catholico» e sacerdote de bons costumes.

Deus tenha sua alma no eterno descanso, como premio do muito que a revolução o detestou na terra.

Em Braga falleceu o Revd.<sup>mo</sup> Padre Manuel José de Sousa natural de Buro e que occupava o cargo de cura da freguezia de S. Lazaro. Sacerdote virtuoso, e exemplar, era dos assignantes fundadores da nossa Revista, e muito fez pela sua propaganda.

Não lhe faltará no céu a recompensa do bem que fez.

A 21 de agosto deixou esta vida outro assignante e amigo do «Progresso Catholico» o sr. José da Costa e Oliveira, do Bougado, deixando inconsolavel a familia, e um filho que agora supre a amisade do pae para com a nossa Revista.

De sua alma se amercie Deus.

Em Evora finara-se outro amigo nosso o Revd.<sup>mo</sup> Conego Diogo de Faria e Silva, que fôra assignante do «Progresso Catholico» desde o seu principio, e que hade fazer falta á cidade de Evora, porque era bondoso e catholico de veras, pelo que hade receber de Deus condigna paga.

Da Guarda participam-nos o passamento do Revd.<sup>mo</sup> Padre Antonio de Sousa Mocho, irmão do Revd.<sup>mo</sup> Prior Diogo de Sousa Mocho, amigo e propagandista da nossa folha, a quem acompanhamos na tristeza que agora lhe opprime o coração de irmão.

Em Cacujães falleceu outro amigo do «Progresso Catholico» o Revd.<sup>mo</sup> Prior, Alexandre Moreira da Silva Vidal, a quem devemos muitos e importantes serviços, em prol da causa que defendemos. Era tambem dos primeiros leitores que se agruparam em volta da nossa bandeira.

Ao irmão do finado, nosso bondoso assignante enviamos pezames sentidissimos, assim como ás familias de todos estes nossos irmãos e amigos, cuja morte noticiamos.

E vós leitores meus, de joelhos, e em fervida prece, pedi ao Senhor o eterno descanso das almas d'estes amigos do «Progresso Catholico», para que ellas sejam por nós diante do Deus das misericordias.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**U**m dia d'esta quinzena fomos assaltado, ou antes foi assaltado o nosso escriptorio por

uma multidão... sabem de quo? Ora imaginem, do que seria?

Era nada menos que de Missionarios, que vinham de fazer uma missão em Villa Cova, freguezia do concelho de Fafe.

Entre elles vinham os nossos bons amigos:

Revd.<sup>mo</sup> Sr. Padre Antonio Joaquim da Silva, Padre Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, Padre Manuel José de Souza Teixeira, e Padre Valentim José Barboza.

Foi ruidosa a entrada d'estes *obscurantistas*, d'estes inimigos das luzes, d'estes vampiros... até vampiros! olhem que lho teem chamado vampiros!

Mas elles deixaram bem dispostos os povos de Villa Cova, e por tanto a semente do Evangelho ha-de alli fructificar.

Em Guimarães, durante a sua estada e passagem não houve nada de notavel, não foi alterada a ordem publica, não fugiram filhas aos paes, nem calouqueceu ninguem.

E lá foram a outras paragens levar a civilização e a liberdade.

Tambem tivemos a visita do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Maximo de Carvalho, amigo nosso e do «Progresso Catholico», cavalheiro respeitavel de Basto.

A todos, nossos agradecimentos.

O mez de outubro foi aqui consagrado a Nossa Senhora do Rosario, resando-se o terço em quasi todas as parochias, e em muitas outras egrejas e capellas.

Os mais concorridos d'estes piedosos exercicios foram os que se fizeram na igreja de S. Pedro, promovidos pela Conferencia de S. Vicente de Paulo, e na igreja da Misericordia, pelas Filhas de Maria.

Aqui terminaram com uma solemne e sympathica festividade, como são sempre as que promovem o custear dessas dedicadissimas filhas da Virgem Santissima, que só teem alegrias junto do altar onde entre flores costumam elevar a imagem da sua Divina Protectora.

A'cerca das Filhas de Maria, parece que teremos de dar breve uma noticia muito agradavel aos nossos leitores, e com especialidade aos de Guimarães.

A gente pasma, admira-se, espanta-se da audaciosa pedantice de meia duzia de estouvados que n'esta bella terra portugueza, investem contra as Irmãs Hospitaleiras; e cresco, recresce o nosso pasmo, a nossa admiração, o nosso espanto, quando vemos as altas intelligencias, os mais alevantados espiritos, os mais bellos caracteres, em-

penhar-se por e las, eleva-las, e prostar-lhe todo o apoio.

Contra a infame calúnia dos pedantes que as insultam, que as maldizem, na rua, nos jornaes, nos livros, nos comicios, nos theatros, apparece a auctoridade grandiosa do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo de Perga, coadjutor e futuro successor do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo d'Evora, esse vulto gigante, em meio dos oradores sagrados de Portugal, essa gloria da nossa Universidade, a pedir ao governo o convento do Salvador, da cidade d'Evora, para n'elle fundar, oh! prodigio! uma casa de educação e abrigo para creanças pobres, dirigido pelas benemeritas filhas de S. Francisco d'Assis, pelas heroínas dos hospitaes e das escolas, por essas mulheres sublimes que são, ao mesmo tempo que a consolação dos doentes e dos desvalidos, a alegria das creanças!

E' pois um protesto, firmado pelo venerando Prelado, contra os canalhissimos insultos que se dirigem ás nossas Irmãs Hospitaleiras, essa digna protecção do futuro Arcebispo d'Evora.

Deus ajude a realisá-lo e que o governo satisfaça tão justos desejos.

Podem orgulhar-se as Filhas do Pobre d'Assis, porque teem por ellas o que á de mais nobre não só em Portugal, mas em todo o mundo.

Que importa o vosear do rapasio, quando os homens do bem o abafam!

Mas, qual abafar! Eu não sei o que teem os jornaes revolucionarios, ha uns tempos a esta parte, que ninguem os pôde aturar.

Um dia á um berreiro infernal contra os jesuitas, e quando este meio não dá resultado, voltam-se para as Irmãs da Caridade, porque, diga-se a verdade, é tambem um dos grandes pesadellos d'estos eternos pesadellos jornalheiros.

A «Folha Nova» essa podriissima e asquerosa folha do Porto, investia ha dias contra as Irmãs Hospitaleiras das Aguas Friaes, d'aquella cidade, e dizia d'ellas o que o mafarrico não disse ainda das «Folhas Novas», por espirito de canaradagem.

Dizia, por exemplo que as Irmãs conservavam presa uma menina contra vontade, e que ella, a pobre *victima*, para se livrar, tomára o expediente de se lançar de uma janella á rua; que a outra educanda a prendiam a uma nora, fazendo-a substituir a azemula que costumava tirar a agua, e assim n'este gosto, dizia mil petas, escudando-se com a auctoridade do chefe policial, o qual, declarou publicamente não haver dito nada a tal respeito.

São assim estes masmarros, inimi-

gos das Irmãs da Caridade, e são assim porque n'este paiz não ha policia, não ha leis que garantam a tranquillidade dos cidadãos, quer elles usem casaca, quer se envolvam nas pregas de um habito.

Mas, antes que lhes pese, as Irmãs continuarão a praticar o bem n'este malfadado paiz.

Disse a sua primeira missa o joven sacerdote e nosso amigo, o Revd.º Manuel Lopes Martins, natural d'esta cidade, com o que nos regosijamos, dando parabens a Guimarães, e abraçando o novo levita do Senhor.

Um amigo nosso de Castello Branco, narra-nos o seguinte:

«Ha pouco mais de tres mezes descobriu-se uma agua, que ha um seculo estava entupida, e que tem feito bravuras. (Não digo milagres, para não athermorisar os sabios).

A primeira *bravura*, foi feita a uma rapariga, cega ha desoito annos, que depois de lavar os olhos com a dita agua, via como todos nós vemos, andando em seguida pelas ruas de S. Vicente da Beira, annunciando publicamente a graça que havia recebido da SS. Virgem.

Outras pessoas, algumas que eu conheço, tem recebido iguaes graças.

A fonte da agua *brava* (não digo milagrosa) está por traz da capella de Nossa Senhora da Orada, uns tres kilometros distante de S. Vicente da Beira.

O povo, que afflue em numerosa concorrencia ao local da nascente, attribue as curas, que se tem operado, a Nossa Senhora, e nós, filhos submissos da Santa Igreja, cremol-o tambem, porque a *sciencia* não disse ainda que a agua tenha propriedades medicinaes, e porque, conhecendo-a, por d'ella ter bebido mais que uma vez, a acho mais leve, e menos fria que as aguas d'aquella serra, porque brota na fralda da serra de Gardunha.

Fui alli ha pouco e posso confirmar o que nos tinham dito, pois fui testemunha do enorme concurso de povo que alli vae.

Agora a *sciencia*, os homens da incredulidade e os *luminares* da liberdade dos povos, chamem ás armas, praguagem, vomitem insultos, apedrejem os *jesuitas* de Castello Branco, porque andam a fanatisar o povo com agua, quando o podiam alegrar com... vinho, industria velha d'esta terra portugueza.

Da Ericeira dizem-nos :

«No dia vinte e nove de setembro, p. p. chegou a esta villa, por 10 horas da manhã, S. Exc.ª o Snr. Ar-

cebispo de Mitylene. S. Exc.ª dirigiu-se á egraja matriz, começando logo o Santo Sacrificio da Missa, acolitado, por dois Rev.ºs Priores: paramentado de Pontifical, administrou o Santo Sacramento, da confirmação, a diversas pessoas, já preparadas e instruidas, por praticas doutrinaes que o muito Rev.º Snr. P.º Abreu, tinha feito, por recommendação de S. Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha; depois foi S. Ex.ª para casa do snr. dr. Abreu (de Lisboa, aqui a banhos) aonde esteve hospedado, voltando de tarde á egraja, por cinco horas, administrar, o crisma.

No dia 30, tambem disse missa, crismou, de manhã, e de tarde. No dia 1.º de outubro, ainda crismou e administrou a Sagrada Communhão, a muitos fiéis, que para acto tão solemne, se tinham preparado, aproximando-se da Sagrada meza um bom numero de pessoas como á annos, aqui, não viamos. Nos tres dias, que S. Exc.ª aqui esteve tambem teve a bondade, de fazer algumas praticas, cheias d'aquella unção proprias d'um bom e solícito pastor.»

Uma communhão de creanças é o acto mais sympathicamente tocante que se póde imaginar, e é por isso que nós vamos narrar a largos traços a que tivera lugar na freguezia de Carvalho, no concelho de Penacova no dia 2 de julho passado, fazendo-o só agora porque antes nos não chegou o ecco d'esta festa brilhantissima.

Precedera a festa um triduo de exercicios, dados pelo digno Prior da freguezia que acompanhára as creanças do presbyterio ao templo, fazendo uma pequena prática ás tenras creancinhas ao chegar ao baptisterio, recordando-lhes que fora ali onde tivera lugar o primeiro acto da sua vida como christãos, e convidando-os a que fizessem publica a protestação da sua fé, o que as creancinhas fizeram, enternecendo todas as pessoas presentes.

Assistiram, ou antes conduziram as creanças á sagrada meza o Exc.ºo Snr. Antonio Augusto Ferreira Paulo e a Exc.ª Snr.ª D. Maria da Conceição Paulo da Silva irmãos do Rev.ºo Parocho. Ao Evangelho pregara o Rev.ºo José Marques Viegas, sobre o amor de Jesus.

As creanças vestiam de branco, e na occasião em que recebiam a sagrada communhão, eram coroadas de rozas, por dois anjos, enquanto outros lhe espargiam flores. Quadro sublime em verdade!

No fim quasi o digno parocho premiou as innocentes creanças, e distribuiu-lhos medalhas e estampas, fa-

zendo-lhe uma pratica tecantissima que a todos commoveu e agradou.

Damos os parabens ao Rev.ºo Prior, Alberto Paulo da Silva, pelas pompas que estende na sua freguezia, em dias de tanta consolação para as creanças, para os paes das mesmas, e para todos.

Nem tu lo está perdido ainda, louvores a Deus!

Vamos dar uma noticia de palpitante interesse, aos *illuminados*, que dizem que o paiz detesta os Jesuitas.

Um catholico da Covilhã, querendo espalhar entre os seus conterraneos a **Representação dirigida aos poderes publicos do paiz contra os Jesuitas**, satirica publicação feita em edição de luxo pelo *Centro de propaganda Catholica em Portugal*, e devida á penna do famoso escriptor P.º Senna Freitas, mandou ir d'este Centro uma boa quantidade de exemplares, que espalhou profusamente. Pois querer saber o que aconteceu? Os Covilhanenses, são tão *inimigos*, *detestam* tanto os Jesuitas, que, alguns, não presevendo a ironia com que o P.º Senna Freitas se dirigia aos poderes publicos, e julgando que aquillo era um insulto aos Jesuitas, recusaram o opusculo, berraram contra o auctor d'elle, estiveram quasi a fazer um auto de fé.

Por isto se vê como o paiz detesta os Jesuitas; mas tambem por aqui se vê a fina troça, a critica finissima, que o P.º Senna Freitas fez ás representações feitas contra os filhos de Santo Ignacio.

E findamos com esta, que não é má.

J. de Freitas.

### Aos que podem

Esta secção é destinada a publicar as dadas que as almas bem fazejas o amigas das Ordens Religiosas, offercem as duas jovens senhoras de Trazos-Montes, que desejam envergar o habito de Santa Thereza e não tem o bastante para serem admittidas no claustro em terra estrangeira (porque cá é *peccado*).

Transpt. do n.º 24 do 8.º anno	24\$895
Do assignante n.º 2929, Espozende	500
Do assignante n.º 1433, Marco de Canavezes	2\$700
Do assignante n.º 3252, de Olhão	\$200
» 950, de Felgueiras	500
Do assignante n.º 3245, Maceira de Cambra	\$100

28\$895